

Henrique BARROSO (Coord.). *O Português na Casa do Mundo, Hoje*. V. N. Famalicão: Edições Húmus, 2018. 216 pp.
ISBN: 978-989-755-348-6.

Daniel Ferreira

up201109542@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Sob a coordenação de Henrique Barroso, a coletânea *O Português na Casa do Mundo, Hoje* foi publicada pelas Edições Húmus em 2018.

Henrique Barroso é doutorado em Ciências da Linguagem, na área de Linguística Portuguesa, pela Universidade do Minho (UM). Na mesma instituição, exerce o cargo de Professor Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos do Instituto de Letras e Ciências Humanas (ILCH) e, entre outras funções, coordena os cursos de português para estrangeiros.

A publicação desta coletânea surge na sequência do colóquio homónimo, datado de 8 de fevereiro de 2018, que na UM reuniu investigadores de áreas ligadas à como a Política Linguística e a Didática de Línguas. Mais ainda, o surgimento desta publicação, assinala a comemoração dos 25 anos do Curso Anual de Português Língua Estrangeira (PLE) do BabeliUM (Centro de Línguas do ILCH/UM).

Quanto à sua estrutura, o livro divide-se entre Parte I e Parte II, como se detalha na continuação desta apreciação. Na nota de abertura, após alguns parágrafos de enquadramento do projeto, são sumariamente apresentados os textos coligidos. A Parte I, inaugurada pela introdução de Henrique Barroso, *O português na casa do mundo, hoje: portas, janelas e varandas*, subdivide-se em seis capítulos:

- I. *Português na casa do mundo: terminologias e políticas linguísticas* (de Manuel Célio Conceição)
- II. *O poder das línguas, línguas de poder: potencial conjunto do espanhol e do português* (de Ana Paula Laborinho)
- III. *Aquisição/aprendizagem da competência metafórica no contexto do Português Língua Não Materna: importância da reestruturação conceptual na expressão de emoções e valores* (de Hanna J. Batoréo)
- IV. *O Português Língua Não Materna como Área Científica. Um estudo empírico de interferências linguísticas de falantes de português L2 e L3* (de Paulo Osório)
- V. *O português no mundo e a sua standardização: entre a realidade de uma língua pluricêntrica e o desejo de uma língua internacional* (de Augusto Soares da Silva)
- VI. *De todas as línguas se pode ver o mar: o português e as línguas globais* (de José Teixeira)

De início, no texto introdutório, Henrique Barroso explora a representação da língua portuguesa como uma alegoria da *casa*, onde *portas*, *janelas* e *varandas* são conexões, entradas e saídas para o mundo, enfatizando, por esta via, o carácter pluricêntrico da

língua, não fosse esta a Língua Materna (LM), Língua Segunda (L2) ou Língua de Herança (LH) de milhões de falantes; ou, mesmo, Língua Estrangeira (LE) de outros tantos, sobretudo devido à efervescente procura pelo português, como se observa atualmente no território asiático ou noutras latitudes e longitudes.

Depois, no Capítulo I, Manuel Célio Conceição considera uma política linguística para a afirmação da língua portuguesa na sua relação constitutiva com o conhecimento. Nesta visão, alerta para a carência da prática de estudos terminológicos em português, cujas abordagens sejam adaptadas a uma postura pluricêntrica e que, desta maneira, leve em consideração as variações internas e externas da língua. Para tal, como adverte Conceição, “[t]rata-se de considerar as terminologias em uso, estudar as respetivas formas de geração espontânea, de regulação, de normalização, e do que entre estas formas pode ser permeável” (p. 37), independentemente da área de conhecimento ou esferas de atividade, para que se concretize a difusão do português como língua de comunicação na *casa do mundo*.

No Capítulo II, Ana Paula Laborinho salienta que a significativa posição do português na panóplia das línguas mundiais não resulta, em exclusivo, da soma dos seus falantes, mas, talvez ainda mais, da sua dispersão pelo globo e consequentes afinidades em relação a outras línguas, como se atesta no caso concreto do espanhol. Nesta perspetiva, Laborinho ressalta a hipótese de uma aliança estratégica entre o espanhol e o português enquanto potenciais línguas globais de comunicação, face à atual hegemonia do inglês, a partir da aplicação de algumas estratégias político-linguísticas. Entre elas, a valorização e a implementação do bilinguismo e, ainda, a implementação de “comunidades de inovação, de conhecimento e de partilha generalizada de boas práticas” (p. 50), que originaria, consequentemente, o desenvolvimento económico dos países envolvidos.

No Capítulo III, Hanna J. Batoréo subscreve uma investigação que cruza a Linguística Cognitiva e a Aquisição de Linguagem, subárea da Psicolinguística. Em particular, Batoréo aborda a noção de *competência metafórica* no contexto da aquisição/aprendizagem de Português como Língua Não Materna (PLNM), defendendo o estudo da linguagem figurada em sala de aula, o que se justifica, desde logo, pelo uso frequente desta destreza pelos falantes nativos. Entre outros usos, na expressão e na partilha de emoções e valores, a partir do fenómeno linguístico-cognitivo de *corporização* (i.e., o recurso a partes do corpo humano ou experiências corporais), tal como se verifica em algumas expressões idiomáticas (p.e., “tenho a cabeça em água”), porventura, não equivalentes entre todas as línguas. Nesta lógica, como justificação para a sua tese, a autora confronta expressões deste tipo tanto em português (europeu), como em inglês, polaco e, inclusive, chinês.

No Capítulo IV, em jeito de introdução, Paulo Osório propõe uma conceptualização teórica do PLNM enquanto área científica no quadro da investigação contemporânea, tanto no que respeita aos Estudos Linguísticos, como à Didática de Línguas e à Psicolinguística. Neste quadro conceptual, Osório integra no seu texto um estudo de caso letivo que teve como público-alvo aprendentes hispanofalantes de português, em imersão, cuja proficiência em língua corresponde ao nível B1 (de acordo com o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (Conselho da Europa, 2001)).

Neste estudo, Osório lista alguns dos aspetos do português (L2/L3) mais propícios a interferências linguísticas por via da LM dos aprendentes, a partir da apreciação de uma amostra de produções escritas. Dos resultados apurados, entre outras ilações, conclui-se que as interferências são mais evidentes em falantes monolíngues do que em falantes bilingues.

No Capítulo V, Augusto Soares da Silva traz de novo a questão ontológica e política do português como língua pluricêntrica para a reflexão. Na sua intervenção, Soares da Silva realça o evidente bicentrismo entre o português europeu e o português brasileiro, muito embora se reconheça hoje a existência de outros polos emergentes, nomeadamente o português angolano e o português moçambicano. Situação que, à partida, reforçará ainda no decurso do século XXI o pluricentrismo da língua, devido ao aumento previsto da população nestas regiões. Ademais, entre outros aspetos, tais como o desejo do português como língua internacional, o autor apela para a *standardização pluricêntrica* do português, tanto no panorama político como linguístico, que não se restrinja à ortografia, mas que se materialize em dicionários e gramáticas pluricêntricas.

Por fim, no Capítulo VI, José Teixeira discute alguns lugares-comuns sobre a língua portuguesa, nomeadamente aqueles criados pela apropriação de frases célebres de Fernando Pessoa (“Minha pátria é a língua portuguesa”) ou Vergílio Ferreira (“Da minha língua vê-se o mar”), habitualmente empregues fora do contexto idealizado pelos seus autores. Não obstante, o mesmo se aplica a algumas asserções convictas sobre o português como língua global, língua internacional ou língua policêntrica/pluricêntrica, comumente frágeis na sua argumentação. Não por caso, como atenta Teixeira, tais posicionamentos implicam que, antes de mais, se desconstrua o mito de que a *língua é minha*.

Concluída a Parte I, sob o mote *Das 25 edições do Curso Anual de PLE no ILCH/UMINHO (1993/94-2017/18)*, a Parte II integra o relatório da lavra de Emília Patrício e, novamente, Henrique Barroso, sobre a atividade e a evolução do Curso Anual de PLE neste quarto de século de existência, com recurso a gráficos e tabelas. No final, a título de curiosidade, são anexados alguns recortes de imprensa sobre o contributo do BabeliUM na divulgação da língua portuguesa ao longo dos anos.

Em suma, tanto sobre aquilo que são questões vigentes de Política Linguística do português, como ainda investigações inovadoras no âmbito da Didática de Línguas e, em específico, do PLNM, a coletânea agrega textos instigantes cuja leitura se aconselha vivamente. A propósito, sugere-se outra coletânea, *O Português como Língua num Mundo Global: problemas e potencialidades*, que dialoga com o livro em apreço e que, em circunstâncias idênticas, foi publicada pelas Edições Húmus em 2016, embora neste caso sob a organização de José Teixeira. Posto isto, reitera-se o convite para a leitura de *O Português na Casa do Mundo, Hoje* que, além da edição à venda nas livrarias, dispõe de uma versão *online* em livre acesso no Repositório da UM (<http://hdl.handle.net/1822/55301>).

Recebido em janeiro de 2020; aceite em maio de 2020.

REFERÊNCIAS

- Conselho da Europa, 2001. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação*. Lisboa: Asa.
- Teixeira, J., 2016. (Org.) *O Português como Língua num Mundo Global: problemas e potencialidades*. V. N. Famalicão: Edições Húmus.